



SALA STAMPA DELLA SANTA SEDE  
**BOLLETTINO**

HOLY SEE PRESS OFFICE BUREAU DE PRESSE DU SAINT-SIÈGE PRESSEAMT DES HEILIGEN STUHLS  
OFICINA DE PRENSA DE LA SANTA SEDE SALA DE IMPRENSA DA SANTA SÉ  
BIURO PRASOWE STOLICY APOSTOLSKIEJ دار الصحافة التابعة للكرسي الرسولي

N. 0672

Lunedì 13.11.2000

Sommario:

- ◆ **LE UDIENZE**
- ◆ **LE LETTERE CREDENZIALI DELL'AMBASCIATORE DEL PORTOGALLO PRESSO LA SANTA SEDE**
- ◆ **UDIENZA AI PARTECIPANTI AL II SUMMIT DEI PREMI NOBEL PER LA PACE**
- ◆ **UDIENZA AI PARTECIPANTI ALLA SESSIONE PLENARIA DELLA PONTIFICIA ACCADEMIA DELLE SCIENZE**
- ◆ **MESSAGGIO DEL SANTO PADRE AL RETTORE MAGGIORE DELLA SOCIETÀ SALESIANA DI SAN GIOVANNI BOSCO**
- ◆ **TELEGRAMMA DI CORDOGLIO PER LE VITTIME DELL'INCENDIO DI UNA FUNICOLARE IN AUSTRIA**
- ◆ **AVVISO DI CONFERENZA STAMPA**

---

◆ **LE UDIENZE**

LE UDIENZE

Il Santo Padre ha ricevuto questa mattina in Udienza:

S.E. il Signor Pedro José Ribeiro de Menezes, Ambasciatore del Portogallo presso la Santa Sede, in occasione della presentazione delle Lettere Credenziali;

S.E. Mons. Luigi Dossena, Arcivescovo tit. di Carpi, Nunzio Apostolico in Slovacchia;

Partecipanti al II Summit dei Premi Nobel per la Pace;

Partecipanti alla Sessione Plenaria della Pontificia Accademia delle Scienze.

[02286-01.01]

## **LE LETTERE CREDENZIALI DELL'AMBASCIATORE DEL PORTOGALLO PRESSO LA SANTA SEDE**

Alle ore 11 di questa mattina, Giovanni Paolo II ha ricevuto in Udienza l'Ambasciatore del Portogallo presso la Santa Sede, S.E. il Signor Pedro José Ribeiro de Menezes, in occasione della presentazione delle Lettere Credenziali.

Pubblichiamo di seguito il discorso che il Santo Padre ha rivolto all'Ambasciatore del Portogallo, nonché i cenni biografici essenziali di S.E. il Signor Pedro José Ribeiro de Menezes:

### **● DISCORSO DEL SANTO PADRE**

Senhor Embaixador,

Bem-vindo seja ao Vaticano para este acto de apresentação das Cartas Credenciais que o designam Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário de Portugal junto da Santa Sé. Os sentimentos e propósitos que acaba de exprimir são a prova da seriedade com que olha e abraça o novo cargo diplomático; aqui encontrará - posso assegurar-lho - o apoio necessário para bem cumprir a alta missão para que foi acreditado, como o fizeram os seus predecessores. Na sua pessoa, vejo a nobre Nação Lusitana, hoje confinada às suas estreitas dimensões europeias mas grande na sua alma universalista que, à sombra da Cruz gloriosa, descobriu a fraternidade dos homens e dos povos, e dela se fez arauto e promotor. A Santa Sé rejubila com isso e felicita-o. Vossa Excelência foi enviado pelo Chefe do Estado, que lhe confiou a expressão gentil dos seus cumprimentos e votos para a minha pessoa que muito apreciei e agradeço. Com a certeza das minhas orações pela prosperidade do seu país, peço-lhe que transmita as minhas cordiais saudações ao Senhor Presidente da República, ao Governo e ao povo português. A última imagem que dele guardo é a daquela multidão incontável de peregrinos no Santuário de Fátima, cujos olhos, devotos e felizes, se espelhavam nas graciosas figuras dos seus compatriotas Francisco e Jacinta Marto, elevados às honras dos altares. Pensei comigo mesmo: Aqui está Portugal!

Visitava eu, então, pela terceira vez a sua pátria, podendo constatar de novo como a religião cristã plasma a alma de Portugal e marca a sua vida nomeadamente com o influxo de beneméritas e prestigiosas instituições sociais e culturais, sinais visíveis do «papel incontornável da Igreja Católica no fluir da vida colectiva do país». Estas palavras do Senhor Embaixador exprimem o sentir do Governo português, que deseja chegar a uma melhor «adequação à realidade contemporânea» dos laços que unem Portugal e a Santa Sé. Pode comunicar ao seu Governo a disponibilidade desta, sensível como é aos sinais dos tempos e bem feliz de prosseguir no sulco das nossas respeitadas relações pautadas pelo anseio comum de concorrer para a maior dignificação do homem.

A missão específica da Igreja, e naturalmente da Santa Sé que é o seu centro, é de ordem espiritual, sendo a formação das consciências uma das suas preocupações fundamentais. Para isso trabalham, no respectivo campo em cada país, as Igrejas locais em comunhão com o Sucessor de Pedro; elas deixariam de cumprir o seu dever, se não procurassem esclarecer as consciências, indicar os males que ameaçam tanto a vida cristã como a integridade da pessoa, encorajar aquilo que é conforme à verdade e ao bem do homem. É verdade que a Igreja não tem poder directo sobre as leis e as instituições do Estado, escolhido democraticamente pelos cidadãos com toda a liberdade; mas ela reivindica, no desempenho da missão recebida do seu divino Fundador, o direito de pronunciar-se sobre as mesmas, distinguindo o que é permitido pelas leis civis e o que é moral, coerente com uma consciência bem formada. E a Igreja portuguesa não se tem cansado de o fazer nos mais diversos casos, como por exemplo com a lei iníqua do aborto e a equiparação legal à família assente na

união matrimonial de modelos emergentes de vida conjunta radicalmente diversos e irreduzíveis àquela.

Mas, há outros problemas morais, complexos. É fácil constatar a grande desorientação de muitos jovens, procurando com frequência uma evasão nas drogas ou em comportamentos que as degradam. Sabendo que o futuro nasce hoje - como lembrava Vossa Excelência - e à vista de tais flagelos que se abatem sobre muitas vítimas incautas e frágeis, é justo pedir responsabilidades aos diversos canteiros onde se edifica o homem e a mulher de amanhã. É preciso denunciar, por violação do projecto originário recebido, quantos deixem de educar para a autêntica liberdade, para a procura da verdade, para o respeito do amor, para os valores familiares. Pela sua parte, a Igreja deseja com todas as forças trabalhar para esta causa, dentro da sua competência, no respeito pela liberdade das consciências; ela não duvida de encontrar neste sector o assentimento dos Responsáveis políticos pelo bem comum. É que eles estão em melhor posição do que outros para verem que há um desafio a considerar quanto ao futuro do país, para o seu verdadeiro progresso humano e espiritual, em conformidade com a herança cristã que o marcou de modo tão forte e que continua a ser, para aqueles que a aceitam, uma fonte de vida.

Desejaria mencionar um ponto que honra o seu país: a grande sensibilidade da sua gente e do seu Governo, que de certo modo corre no sangue português, por todos os que vivem atribulados. Desde tempos imemoriais, o seu território pátrio constituiu o *finis terræ* e o derradeiro abrigo para os fugitivos mais robustos das sucessivas invasões indo-europeias; acossados pelos novos padrões do campo de batalha, acabavam lá encurralados contra o mar até ao dia em que este se abriu para lhes dar passagem para novos mundos, novos povos. Esta longa e quase forçada convivência de almas de variados povos forjou a alma grande, quase diria universal, de Portugal, capaz duma particular e fecunda sinergia com povos e raças dos diversos quadrantes da terra, que toma a forma de uma família alargada.

Como fruto concreto disso mesmo, aí está a «Comunidade de Países de Língua Portuguesa», não só com suas vertentes sócio-políticas, culturais e económicas mas também com a sua expressão eclesial feita de mútua ajuda e partilha fraterna de recursos. Grande foi a onda de solidariedade de Portugal inteiro com o drama sangrento que se abateu sobre Timor Leste, quando o povo escolheu o seu futuro. Na hora de Macau voltar à China, a despedida foi vivida sob o signo da consolidação das amarras que Portugal soubera prender ao molhe da grande família chinesa. Com idênticos sentimentos vive a sua Nação o drama de Angola: não tendo encontrado bom acolhimento aos ouvidos humanos os apelos de paz, foram estes encaminhados para Deus numa permanente retaguarda de oração para que o Céu suscite aqueles corações novos que as profecias (cf. Ez 36, 26-28; Jr 31, 31-33) anunciam para os novos tempos.

Vossa Excelência bem conhece o interesse que a Santa Sé atribui a todos estes esforços, susceptíveis de tornar a comunidade humana mais fraterna, mais solidária, graças à elaboração e aplicação de medidas políticas, jurídicas e económicas adequadas. Uma consciência mais profunda da unidade da família humana inteira e da radical interdependência de todos os povos está a alimentar de modo gradual uma convicção maior de que só a verdadeira solidariedade, compreendida como uma categoria moral que determina as relações humanas, pode salvaguardar de maneira eficaz a dignidade e os direitos das pessoas e, por conseguinte, edificar a paz no interior das sociedades e entre as nações.

São estes os sentimentos que me animam ao acolher o Senhor Embaixador no início da sua missão diplomática junto da Santa Sé. Formulo diante de Deus os melhores votos para Vossa Excelência e sua família, para o povo português e seus governantes, sobre todos invocando, pelo valimento da vossa celeste Padroeira e Rainha, as bênçãos do Altíssimo que dá alegria, força e luz aos homens de boa vontade.

**S.E. il Signor Pedro José Ribeiro de Menezes**

**Ambasciatore del Portogallo**

È nato il 25 agosto 1939 a Lisbona.

È sposato e ha 2 figli.

È laureato in Giurisprudenza.

Diplomatico di carriera, ha ricoperto i seguenti incarichi: Addetto presso il Ministero degli Esteri (1964-1966); in servizio presso il Consolato Generale a Parigi (1966-1969); Segretario a Buenos Aires (1969-1973); presso il Ministero degli Esteri (1973-1974) e in Guinea Bissau (1974-1976); Segretario e, quindi, Consigliere presso il Ministero degli Esteri (1976-1979); Consigliere a Washington (1979-1984); Ministro Plenipotenziario e Vice-Direttore Generale degli Affari Politici, Ministero degli Esteri (1984-1986); Rappresentante Permanente Aggiunto presso la CEE (1986-1988); Ambasciatore in Irlanda (1988-1990); Direttore Generale degli Affari Politici ed Economici, Ministero degli Esteri (1990-1993); Ambasciatore in Brasile (1993-1997); Segretario Generale del Ministero degli Esteri (1977-2000).

[02287-06.01] [Texto original: Português]

## UDIENZA AI PARTECIPANTI AL II SUMMIT DEI PREMI NOBEL PER LA PACE

Alle 11.20 di questa mattina, nella Sala dei Papi, il Santo Padre Giovanni Paolo II ha ricevuto in Udienza i partecipanti al II Summit dei Premi Nobel per la Pace ed ha loro rivolto il saluto che pubblichiamo di seguito:

### • PAROLE DI SALUTO DEL SANTO PADRE

Ladies and Gentlemen,

It gives me great pleasure to welcome this distinguished assembly of Nobel Peace Prize laureates at the conclusion of your Second International Forum. I greet in particular His Excellency Mr Mikhail Gorbachev, President of the International Foundation for Socio-Economic and Political Studies, and Mr Francesco Rutelli, Mayor of Rome.

Over the past few days you have been reflecting on the world situation at the dawn of a new millennium. Men and women everywhere look to the future in the hope of real and lasting peace, founded on a civilization which respects the rights of all and safeguards the authentic common good. Yet there are very great difficulties to be faced, as we continue to see, in many parts of the world, armed conflicts and terrible human tragedies.

At this significant moment in history, a concerted effort must be made to ensure that new generations reject the ways of discrimination, exclusion and conflict, and set out resolutely on the path to peace in a spirit of openness to the values and traditions of others. In close cooperation with the United Nations Organization, you have taken a lead in this regard by seeking to promote a culture of non-violence and peace among the children of the world during the coming decade. You have also recognized that a civilization of peace cannot be built without tackling the problem of external debt, and without a greater sense of responsibility among those who work in the area of social communications.

I encourage your efforts to build a better future for the peoples of the world, to ensure that all can live in peace and harmony, making use of their talents and gifts for their personal growth and for the good of society. I pray that God will bless you and your families, and guide you as you continue to dedicate yourselves to the cause of peace, reconciliation and harmony among all peoples.

[02289-02.01] [Original text: English]

**UDIENZA AI PARTECIPANTI ALLA SESSIONE PLENARIA DELLA PONTIFICIA ACCADEMIA DELLE SCIENZE**

Pubblichiamo di seguito il discorso che il Santo Padre ha rivolto ai partecipanti alla Sessione Plenaria della Pontificia Accademia delle Scienze, ricevuti in Udienza alle 11.35 di questa mattina, nella Sala Clementina del Palazzo Apostolico Vaticano:

**• DISCORSO DEL SANTO PADRE**

Signor Presidente,

Illustri Signori e Signore!

1. Con gioia vi porgo il mio cordiale saluto in occasione della Sessione Plenaria della vostra Accademia, che, dal contesto giubilare in cui si svolge, assume un significato ed un valore speciale. Ringrazio, innanzitutto, il vostro Presidente, il Professor Nicola Cabibbo, per le gentili parole che ha voluto rivolgermi a nome di tutti. Estendo il mio vivo ringraziamento a tutti voi per questo incontro e per il competente ed apprezzato contributo che offrite al progresso del sapere scientifico per il bene dell'umanità.

Proseguendo e quasi completando le riflessioni dello scorso anno, voi vi siete soffermati in questi giorni sullo stimolante tema "*La scienza ed il futuro dell'umanità*". Sono lieto di constatare che in questi ultimi anni le Settimane di Studio e le Assemblee Plenarie sono state dedicate in modo sempre più esplicito all'approfondimento di quella dimensione della scienza che potremmo qualificare come antropologica o umanistica. Tale importante aspetto della ricerca scientifica è stato anche affrontato in occasione del Giubileo degli Scienziati, celebrato nel maggio scorso, e, più recentemente, durante il Giubileo dei Docenti Universitari. Mi auguro che la riflessione sul rapporto tra i contenuti antropologici del sapere e il necessario rigore della ricerca scientifica possa svilupparsi in modo significativo, offrendo indicazioni illuminanti per il progresso integrale dell'uomo e della società.

2. Quando si parla della dimensione umanistica della scienza, il pensiero corre per lo più alla responsabilità etica della ricerca scientifica a motivo dei riflessi che ne derivano per l'uomo. Il problema è reale e ha suscitato una preoccupazione costante nel Magistero della Chiesa, specie nella seconda parte del ventesimo secolo. Ma è chiaro che sarebbe riduttivo limitare la riflessione sulla dimensione umanistica della scienza ad un semplice richiamo a questa preoccupazione. Ciò potrebbe perfino condurre qualcuno a temere che si prospetti una sorta di "controllo umanistico sulla scienza", quasi che, sul presupposto di una tensione dialettica tra questi due ambiti del sapere, fosse compito delle discipline umanistiche dirigere ed orientare in modo estrinseco le aspirazioni e i risultati delle scienze naturali, protese verso la progettazione di sempre nuove ricerche e l'allargamento dei loro orizzonti applicativi.

Da un altro punto di vista, il discorso sulla dimensione antropologica della scienza evoca soprattutto una precisa problematica epistemologica. Si vuole cioè sottolineare che l'osservatore è sempre parte in causa nello studio dell'oggetto osservato. Ciò vale non solo per le ricerche sull'estremamente piccolo, ove i limiti conoscitivi dovuti a questo stretto coinvolgimento sono stati già da molto tempo evidenziati e filosoficamente discussi, ma anche per le più recenti ricerche sull'estremamente grande, ove la particolare prospettiva filosofica adottata dallo scienziato può influire in modo significativo sulla descrizione del cosmo, quando si sfiorano le domande sul tutto, sull'origine e sul senso dell'universo stesso.

In linea più generale, come ci mostra assai bene la storia della scienza, tanto la formulazione di una teoria come l'intuizione che ha guidato molte scoperte, si rivelano spesso condizionate da precomprensioni filosofiche, estetiche, e talvolta perfino religiose o esistenziali, già presenti nel soggetto. Ma anche in relazione a questa tematica, il discorso sulla dimensione antropologica o il valore umanistico della scienza non riguarderebbe che un aspetto peculiare, all'interno del più generale problema epistemologico del rapporto fra soggetto e oggetto.

Infine, si parla di "umanesimo nella scienza" o "umanesimo scientifico", per sottolineare l'importanza di una cultura integrata e completa, capace di superare la frattura fra le discipline umanistiche e le discipline scientifico-

sperimentali. Se tale separazione è certamente vantaggiosa nel momento analitico e metodologico di una qualunque ricerca, essa è assai meno giustificata e non priva di pericoli nel momento sintetico, quando il soggetto si interroga sulle motivazioni più profonde del suo "fare scienza" e sulle ricadute "umane" delle nuove conoscenze acquisite, sia a livello personale che a livello collettivo e sociale.

3. Ma, al di là di queste problematiche, parlare della dimensione umanistica della scienza ci porta a mettere a fuoco un aspetto, per così dire, "interiore" ed "esistenziale" che coinvolge profondamente il ricercatore e merita particolare attenzione. Come ebbi modo di ricordare, parlando anni or sono all'U.N.E.S.C.O, la cultura, e quindi anche la cultura scientifica, possiede in primo luogo un valore "immanente al soggetto" (cfr *Insegnamenti* III/1 [1980] 1639-1640). Ogni scienziato, attraverso lo studio e la ricerca personali, perfeziona se stesso e la propria umanità. Voi siete testimoni autorevoli di ciò. Ciascuno di voi, infatti, pensando alla propria vita ed alla propria esperienza di scienziato, potrebbe dire che la ricerca ha costruito e in qualche modo segnato la sua personalità. La ricerca scientifica costituisce per voi, come lo è per molti, la via per il personale incontro con la verità e, forse, il luogo privilegiato per lo stesso incontro con Dio, Creatore del cielo e della terra. Colta in questa chiave, la scienza risplende in tutto il suo valore, come un bene capace di motivare un'esistenza, come una grande esperienza di libertà per la verità, come una fondamentale opera di servizio. Attraverso di essa, ogni ricercatore sente di poter crescere lui stesso ed aiutare gli altri a crescere in umanità.

Verità, libertà e responsabilità sono collegate nell'esperienza dello scienziato. Egli, infatti, nell'intraprendere il suo cammino di ricerca, comprende che deve attuarlo non solo con l'imparzialità richiesta dall'oggettività del suo metodo, ma anche con l'onestà intellettuale, la responsabilità e direi con una sorta di "riverenza" quali si addicono allo spirito umano nel suo accostarsi alla verità. Per lo scienziato comprendere sempre meglio la realtà singolare dell'uomo rispetto ai processi fisico-biologici della natura, scoprire sempre nuovi aspetti del cosmo, sapere di più sull'ubicazione e la distribuzione delle risorse, sulle dinamiche sociali e ambientali, sulle logiche del progresso e dello sviluppo, si traduce nel dovere di servire di più l'intera umanità cui egli appartiene. Le responsabilità etiche e morali collegate alla ricerca scientifica possono essere colte, perciò, come un'esigenza interna alla scienza in quanto attività pienamente umana, non come un controllo, o peggio un'imposizione, che giunga dal di fuori. L'uomo di scienza sa perfettamente, dal punto di vista delle sue conoscenze, che la verità non può essere negoziata, oscurata o abbandonata alle libere convenzioni o agli accordi fra i gruppi di potere, le società o gli Stati. Egli, dunque, a motivo del suo ideale di servizio alla verità, avverte una speciale responsabilità nella promozione dell'umanità, non genericamente o idealmente intesa, ma come promozione di tutto l'uomo e di tutto ciò che è autenticamente umano.

4. Una scienza così concepita può incontrarsi senza difficoltà con la Chiesa ed aprire con lei un dialogo fecondo, perché proprio l'uomo è "la prima e fondamentale via della Chiesa" (*Redemptor hominis*, 14). La scienza può allora guardare con interesse alla Rivelazione biblica, che svela il senso ultimo della dignità dell'uomo, creato a immagine di Dio. Essa può, infine, soprattutto incontrarsi con Cristo, il Figlio di Dio, Verbo incarnato, l'Uomo perfetto; Colui, seguendo il quale, l'uomo diventa anch'egli più uomo (cfr *Gaudium et spes*, 41).

Non è forse questa centralità di Cristo che la Chiesa celebra nel Grande Giubileo dell'Anno 2000? Nell'affermare l'unicità e la centralità del Dio fatto Uomo, la Chiesa si sente investita di una grande responsabilità: quella di proporre la Rivelazione divina che, senza nulla rigettare "di quanto è vero e santo" nelle varie religioni dell'umanità (cfr *Nostra aetate*, 2), addita Cristo, "Via, Verità e Vita" (*Gv* 14, 6), come mistero in cui tutto trova pienezza e compimento.

In Cristo, centro e culmine della storia (cfr *Tertio millennio adveniente*, 9-10), è contenuta anche la norma del futuro dell'umanità. In Lui la Chiesa riconosce le condizioni ultime, affinché il progresso scientifico sia anche vero progresso umano. Sono le condizioni della carità e del servizio, quelle che assicurano a tutti gli uomini una vita autenticamente umana, capace di elevarsi fino all'Assoluto, aprendosi non solo alle meraviglie della natura, ma anche al mistero di Dio.

5. Illustri Signori e Signore! Nel consegnarvi queste riflessioni sul contenuto antropologico e sulla dimensione umanistica dell'attività scientifica, auspico di cuore che i colloqui e gli approfondimenti di questi giorni siano fruttuosi per il vostro impegno accademico e scientifico. Il mio augurio è che voi possiate contribuire, con

saggezza ed amore, alla crescita culturale e spirituale dei popoli.

A tal fine, invoco su di voi la luce e la forza del Signore Gesù, vero Dio e vero Uomo, nel quale si unificano il rigore della verità e le ragioni della vita. Assicuro volentieri un ricordo nella preghiera per voi e per il vostro lavoro ed imparto a ciascuno di voi la Benedizione Apostolica, che estendo volentieri a tutte le persone a voi care.

[02290-01.01] [Testo originale: Italiano]

### **MESSAGGIO DEL SANTO PADRE AL RETTORE MAGGIORE DELLA SOCIETÀ SALESIANA DI SAN GIOVANNI BOSCO**

Pubblichiamo di seguito il Messaggio che Giovanni Paolo II ha inviato al Rettore Maggiore della Società Salesiana di San Giovanni Bosco in occasione del 125° anniversario dell'inizio, in Argentina, dell'attività missionaria dei Salesiani:

Al Reverendissimo Signore

Don **JUAN EDMUNDO VECCHI**

Rettore Maggiore della Società Salesiana di San Giovanni Bosco

1. Nel 1875 partivano i primi Salesiani per l'Argentina. Era per la vostra Famiglia religiosa l'inizio d'una promettente stagione missionaria che, nel corso del tempo, sarebbe diventata sempre più fiorente. Ricordando quest'anno il 125° anniversario di tale evento, formulo un cordiale augurio a Lei e all'intero vostro Istituto, manifestando il mio grato apprezzamento a tutti i suoi Confratelli per l'apostolato svolto secondo lo spirito tipico di San Giovanni Bosco.

Chi non conosce l'anima spiccatamente missionaria del vostro Fondatore? Molti Confratelli, numerose Figlie di Maria Ausiliatrice e tantissimi laici ne hanno seguito le orme, realizzando nel carisma salesiano la propria vocazione missionaria. Lungo questi 125 anni, si sono recati in terre di missione oltre diecimila religiosi. Molti di loro hanno ricevuto, prima di partire, il Crocifisso nella Basilica di Maria Ausiliatrice in Torino.

So che Ella, Reverendissimo Signore, ricordando gli inizi missionari dell'Istituto, ha voluto rivolgere un rinnovato appello missionario alla Congregazione, e 124 religiosi, religiose e laici hanno risposto. Questi generosi apostoli riceveranno da Lei il mandato e il Crocifisso che li accompagnerà nel loro ministero apostolico. Essi provengono da tutti i continenti, a riprova della diffusione dell'opera salesiana in ogni parte del mondo, e sono inviati, nel nome di Don Bosco e di Madre Mazzarello, ad agire in tutte le regioni della terra per compiere un'intensa attività di evangelizzazione e di educazione dei giovani. Nei centri aperti a favore delle nuove generazioni, nelle opere professionali e di avviamento al lavoro, nelle scuole, nelle parrocchie, tra i ceti popolari e con i ragazzi della strada, essi sono chiamati a formare ed a preparare alla vita sociale e religiosa quanti la Provvidenza affida loro, perché diventino a loro volta annunciatori e testimoni del Vangelo.

E come non ricordare poi che molti Salesiani si trovano negli avamposti dell'evangelizzazione e offrono il loro servizio tra le popolazioni meno fortunate e bisognose? Proseguite, cari Fratelli e Sorelle, in questa tanto utile azione apostolica, che i miei venerati Predecessori hanno sempre incoraggiato e benedetto. Proseguite con lo stesso ardore missionario di chi vi ha preceduti.

2. Il primo gruppo di salesiani inviati nel 1875 in America Latina viene ricordato per il vibrante spirito missionario e additato anche oggi come esempio per quanti della Congregazione Salesiana chiedono di recarsi in terra di

missione. La loro testimonianza viene in qualche modo considerata come il paradigma di ogni impresa apostolica che concerne l'intera Famiglia Salesiana, uscita dall'oratorio di Torino.

E' lo stile di San Giovanni Bosco, che chiedeva ai suoi missionari di far proprio con passione lo stesso Vangelo predicato dal Salvatore e dai suoi Apostoli. "Questo vangelo - egli diceva - dovete gelosamente amare, professare ed esclusivamente predicare" (*Memorie Biografiche*, XI, 387).

La consegna del mandato e del Crocifisso, che si compie nel ricordo di quella prima spedizione missionaria, si inserisce nell'ampio contesto del Grande Giubileo ed intende imprimere un rinnovato impulso non solo alle missioni della Congregazione, ma alla stessa vita spirituale della Famiglia Salesiana. Religiosi e religiose della grande Comunità Salesiana sono oggi impegnati nell'operare insieme congiungendo i propri sforzi. A loro si unisce la significativa ed importante presenza dei laici. Il discernimento e la formazione di vocazioni locali forma, infatti, una parte necessaria, pur se delicata, del ministero missionario dei nuovi inviati, continuando quanto aveva iniziato Don Bosco.

La presenza di ben 23 laici e laiche tra i nuovi missionari, che in questa circostanza vengono inviati, mette in risalto quanto i figli e le figlie di Don Bosco stiano facendo per la valorizzazione del laicato nella Chiesa. Si tratta di giovani che hanno avvertito la chiamata missionaria mentre si trovavano inseriti nella pastorale giovanile della Congregazione. Ora, vogliono dedicare un periodo della loro vita a fratelli e sorelle che abitano in terre lontane, andando come testimoni di Cristo per compiere la volontà del Padre (cfr *Eb* 10, 7).

3. Ringrazio di cuore Iddio per l'animazione missionaria che svolgono i membri di codesta Famiglia religiosa nel vasto campo della Chiesa. Auspico, al tempo stesso, che questa fausta ricorrenza, impreziosita dal significativo atto della consegna del mandato missionario e del Crocifisso ai nuovi operai della messe, sia per le comunità e per ogni singolo salesiano un'occasione di rinnovato impegno nella testimonianza evangelica e nell'operatività missionaria.

Invoco per questo la materna assistenza di Maria Ausiliatrice dei Cristiani e l'intercessione di San Giovanni Bosco e dei tanti Santi e Beati salesiani. La protezione divina accompagni sempre la vostra Famiglia spirituale ed in modo speciale i missionari e le missionarie, i loro genitori e familiari.

Con tali sentimenti, imparto di cuore a Lei, Reverendissimo Rettore Maggiore, ai Confratelli, alle Figlie di Maria Ausiliatrice ed ai laici che cooperano in ogni settore della vostra attività salesiana la Benedizione Apostolica, volentieri estendendola a quanti prenderanno parte alle solenni celebrazioni giubilari.

Dal Vaticano, 9 Novembre 2000

IOANNES PAULUS II

[02291-01.01] [Testo originale: Italiano]

#### **TELEGRAMMA DI CORDOGLIO PER LE VITTIME DELL'INCENDIO DI UNA FUNICOLARE IN AUSTRIA**

Pubblichiamo di seguito il telegramma di cordoglio che Giovanni Paolo II ha inviato al Presidente della Repubblica austriaca, S.E. il Sig. Thomas Klestil, per le vittime dell'incendio di una funicolare avvenuto a Kaprun (Austria):

SEINER EXZELLENZ

HERRN DR. THOMAS KLESTIL

BUNDESPRAESIDENT DER REPUBLIK OESTERREICH

WIEN

MIT TIEF EMPFUNDENEM SCHMERZ UND IN AUFRICHTIGER TRAUER HABE ICH VON DEM TRAGISCHEN UNGLUECK DER GLETSCHERBAHN IN KAPRUN KENNTNIS ERLANGT. DURCH SIE, SEHR GEEHRTER HERR BUNDESPRAESIDENT, MOECHTE ICH DEN VON DER KATASTROPHE HEIMGESUCHTEN, VOR ALLEM DEN ANGEHOERIGEN DER OPFER, MEINE ANTEILNAHME UND VERBUNDENHEIT BEKUNDEN. GLEICHZEITIG VERSICHERE ICH SIE MEINES BESONDEREN GEBETSGEDENKENS FUER DIE EWIGE VOLLENDUNG DER VERSTORBENEN IM REICH DES LICHTES UND DES FRIEDENS. DEN HINTERBLIEBENEN UND ALLEN TRAUERNDEN ERBITTE ICH AUS DER HOFFNUNG AUF DIE AUFERSTEHUNG TROST UND STAERKUNG. DAZU ERTEILE ICH IHNEN ALLEN VON HERZEN DEN APOSTOLISCHEN SEGEN.

IOANNES PAULUS PP. II

[02292-05.01] [Originalsprache: Deutsch]

#### **AVVISO DI CONFERENZA STAMPA**

Si informano i giornalisti accreditati che **mercoledì 15 novembre 2000**, alle **ore 12.15**, nell'*Aula Giovanni Paolo II* della Sala Stampa, avrà luogo la **presentazione della XV Conferenza Internazionale "Salute e Società"**, promossa dal Pontificio Consiglio per gli Operatori Sanitari (per la Pastorale della Salute), che si terrà il 16, 17 e 18 novembre 2000, in Vaticano, presso l'Aula Nuova del Sinodo.

Interverranno:

S.E. Mons. Javier Lozano Barragán, Presidente del Pontificio Consiglio per gli Operatori Sanitari;

S.E. Mons. José L. Redrado, O.H., Segretario del medesimo Pontificio Consiglio;

Rev.do P. Felice Ruffini, M.I., Sottosegretario del medesimo Pontificio Consiglio;

Sig.ra Azqueta Fanjul Lillian, Direttrice della "New Hope Foundation", Palm Beach, U.S.A.;

Dott. Maurizio Evangelista, Ricercatore presso l'Università Cattolica del S. Cuore, Istituto di Anestesiologia e Rianimazione.

[02257-01.02]

---